

a mais próxima possível do sentido que os seus autores lhe quiseram conferir. Distancia-se do seu sentido original uma hermenêutica que não leve suficientemente em conta seus autores, o contexto dentro do qual lhes foi permitido atuar e, sobretudo, o processo de redação do texto enquanto tal. Preenchidas essas condições, é possível fazer falar até os silêncios do texto.

Segundo, desde a história da redação do texto impõem-se algumas *chaves de leitura* imprescindíveis para uma hermenêutica global do Documento e que se apresentam como as primeiras portas de entrada no mesmo. Aqui, foram explicitadas quatro, mas poderiam ser muito mais. Entrar no texto, porém, por outras portas, é tornar o trabalho de hermenêutica mais difícil e, sobretudo, é correr o risco de interpretá-lo mais a partir do leitor que de seus próprios autores.

Terceiro, os elementos da história da redação do texto do DSD enunciados no primeiro ponto deste trabalho e as quatro

chaves de leitura, no segundo, são importantes para medir o "tamanho" da ASD. A Assembléia de Medellín, p. ex., foi maior que os bispos, a de Puebla foi igual, e a de Santo Domingo foi menor do que os bispos. Dadas as condições em que lhes foi possível trabalhar, os bispos em Santo Domingo não conseguiram incluir no Documento Final tudo o que queriam. Assim, só um trabalho honesto de fazer vir à tona a história da redação do texto pode resgatar o que ele não diz e igualá-lo à grandeza da Assembléia que o gerou.

Endereço do autor:

11, rue de l'Eglise

B - 1325 CORROY-LE-GRAND

BELGICA

OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE SANTO DOMINGO

*Dom Eusébio Oscar Scheld SCJ
Arcebispo Metropolitano de Fpolls*

1. Os preparativos

Longo foi o caminho percorrido, por peritos e encarregados, até chegar-se ao dia 12 de outubro de 1992, dia em que se abriria a IVª Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe, coincidindo com a celebração dos 500 anos da chegada do Evangelho de Jesus Cristo em solo americano. Esta memorável Assembléia, convocada pelo Papa João Paulo II, contou com a presença de 355 participantes, sem contar os inúmeros integrantes das diversas equipes de serviço, da segurança pública e dos que, ininterruptamente, se revezaram no sublime ministério da adoração do Santíssimo, em prol da Conferência. Este evento, de capital importância para o descambar do século XX e o vislumbre dos albos do século XXI, foi agraciado com a presença, sempre alegre e marcante, do Santo Padre, durante dois dias, e se prolongou até o meio-dia de 28 de outubro.

A Comissão Preparatória, liderada por S.Exas. D.Raymundo Damasceno ASSIS e D.Jorge Arturo MEDINA ESTEVEZ, cuidou dos grandes e dos mínimos detalhes para que tudo pudesse transcorrer a contento: os textos, o ambiente, a hospedagem, os transportes, o credenciamento, a comunicação, a dinâmica dos trabalhos, as secretarias, o envolvimento eficaz dos voluntários leigos, as celebrações e, até mesmo, o lazer.

Trabalho prévio bem árduo, a que não faltaram a dialética, as posições divergentes

Quanto aos textos preparatórios, convém ressaltar que vários⁽¹⁾ Documentos de estudo e consulta antecederam ao "Documento de Trabalho" propriamente dito, o que norteou a preparação próxima da Conferência. Foi um trabalho prévio bem árduo, a que não faltaram a dialética, as posições divergentes e, nem mesmo, radicalismos indesejáveis. Para o "Documento de Trabalho" serviu de base a temática escolhida por João Paulo II em 1991: "Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã". Estes três grandes polos serviram de horizonte, de pano de fundo, para todo o trabalho em torno de Santo Domingo, sendo desenvolvido mais amplamente, durante a Conferência, o

da "Promoção Humana", assunto que mais angustiava o coração dos bispos e demais participantes.

Os Delegados da CNBB para Santo Domingo tiveram dois encontros marcantes para se prepararem, do melhor modo possível, para uma participação condigna na IVª Conferência Latino-americana e Caribenha. Resultou daí a coletânea de dez temas de cunho pastoral, respigadas nas próprias Diretrizes Gerais de 1991-1994 do Episcopado Brasileiro. Todos os interessados tiveram franco acesso a esses temas, porquanto foram publicados rapidamente pelas Edições Paulinas como "Documentos da CNBB", n.48, sob o título: "Das Diretrizes a Santo Domingo". Íamos, os Bispos delegados, com propostas bem concretas nas mãos. Quem sabe, demasiadamente convictos de que iriam agradar a todos os participantes as propostas "brasileñas"...

2. Dificuldades iniciais

A primeira grande dificuldade foi a hospedagem. Para surpresa nossa, fomos acomodados nos grandes hotéis da cidade, por se localizarem mais no centro de Santo Domingo, facilitando o acesso mais rápido para o Seminário, local onde se realizou a Assembléia. Ademais, os organizadores optaram por uma hospedagem digna, que favorecesse a segurança, o bem-estar e, num clima de grande calor, facultasse bom descanso para trabalhos intensos e eficazes. Diversos bispos objetaram, em consciência, contra essa permanência em hotéis de grandes recursos e conforto. Como ficaria a nossa "opção evangélica pelos pobres", numa cidade de grandes desníveis sociais, de carências habitacionais e de grande falta de energia elétrica? É bem verdade que, segundo soubemos, os hoteleiros deixaram tudo pelo preço de custo, como colaboração com o mais importante acontecimento da celebração dos 500 anos do Descobrimento das Américas: a visita do Papa e a realização da IVª Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe (serve de sugestão para os que nos hospedam, cada ano, em Itaiçi...).

Outra dificuldade preliminar atingia o texto a ser elaborado. O "Documento de Trabalho", segundo a maioria, já atingira o seu objetivo e poderia ser deixado de lado como referencial necessário. Os bispos e demais delegados e convidados preferiam elaborar um texto novo, nascido do coração da própria IVª

Conferência, fruto imediato do intercâmbio e da integração de todos. Esta era – salvo melhor juízo – a tendência básica e mais generalizada. Outros não almejavam texto nenhum e optavam por um fecundo intercâmbio de experiências que, certamente, sobrepujaria um texto a mais dentre os inúmeros relegados às estantes ou à curiosidade de poucos interessados e afoitos. Como “inspiração” ou “recuerdo”, bastaria uma simples e bem substancial mensagem conclusiva aos nossos colegas, aos colaboradores e demais fiéis.

Preferiam elaborar um texto novo, nascido do coração da própria IVª Conferência

Outro grupo preferia uma série de conferências sobre os temas principais, seguidas de amplos debates em sessões plenárias. Disso resultaria o surgimento de inúmeras “proposiciones” concretas, de farto material a ser entregue a uma Comissão Especializada que elaboraria um texto definitivo a ser aprovado, como é óbvio, pelo Santo Padre. Desta forma, a nossa IVª Conferência identificar-se-ia em cheio, quanto ao “modus procedendi”, com um Sínodo. Os mais otimistas queriam empenhar-se por um texto bem feito, amplo ou não, pouco importava, que abordasse quase todos os desafios pastorais da América Latina e do Caribe, apresentando possíveis saídas, soluções, orientações e pistas pastorais concretas e exequíveis. Afinal, para que estávamos ali? Não era, exatamente, para isso?

A posição média é que prevaleceu pelo bom-senso. É a que encontramos no texto atual, aprovado pelo Santo Padre em 10 de novembro de 1992. Foi definido, pela Assembléia, como texto “breve, quanto possível completo, acessível a todos, simples, prático, de cunho teológico-pastoral, ‘impactante’...” Foi aprovado, praticamente, por unanimidade.

Outra dificuldade era mais de ordem teológica, ao nosso modo de ver. No “Manual del Participante”, no cap.3, “Reglamento General”, aparecia, no artigo 12, sobre “Textos Conclusivos”, a seguinte afirmação: “Os referidos textos (conclusivos), devidamente aprovados pela Conferência, serão apresentados pelos Presidentes da mesma ao Santo Padre que julgará sobre o seu conteúdo e decidirá sobre o destino a dar-lhes”. Temiam alguns antístites, notadamente brasileiros, que tal proposta poderia desvalorizar os próprios textos ou levá-los a destinos indesejáveis. Ao que tudo indica, era medo infundado, desconhecimento da postura do Santo Padre, especialmente ao convocar a referida Conferência e ao participar dela. Era o desconhecimento do que foram e são as chamadas Conferências Episcopais Regionais através de toda a história da Igreja.

Fórmulas ou planos pastorais comuns, sempre respeitosos da identidade de cada diocese

De fato, o mencionado artigo 12 foi rigorosamente seguido (e não poderia ser diferente) e a resposta do nosso Supremo Pastor visível não se fez esperar. Veio como “Carta do Santo Padre aos Bispos Diocesanos da América Latina”, de 10 de novembro de 1992. Entre outras coisas, afirma:

“Os textos conclusivos da citada Conferência, cuja difusão autorizei, poderão orientar a partir de agora a ação pastoral de cada Bispo diocesano da América Latina. Cada Pastor diocesano, juntamente com os presbíteros, “seus cooperadores” (*Lumen Géntium*, 28), e com os demais membros da Igreja particular que lhe foi confiada,

fará o necessário discernimento, para ver o que é mais útil e urgente na situação particular de sua Diocese.

Um amplo consenso dos Bispos das Igrejas particulares num mesmo país poderá conduzir a fórmulas ou planos pastorais comuns, sempre respeitosos da identidade de cada diocese e da autoridade pastoral que corresponde ao Bispo, centro visível de unidade e, ao mesmo tempo, seu vínculo hierárquico com o Sucessor de Pedro e com a Igreja universal (cf *Lumen Géntium*, 3).

Evidentemente, as Conclusões da Conferência de Santo Domingo deverão ser analisadas à luz do magistério da Igreja Universal e deverão ser implementadas em fidelidade à disciplina canônica vigente.

De minha parte, confio que a solicitude pastoral dos Bispos da América Latina leve todas as Igrejas particulares do continente a um renovado compromisso com a Nova Evangelização, a Promoção Humana e a Cultura Cristã.”

Finalmente, importava resolver o problema das Comissões. Os três Presidentes e os dois Secretários Gerais já estavam nomeados. Desconhecíamos os membros das importantes Comissões: de Coordenação Geral, de Redação, das Mensagens finais, da Comissão Jurídica, da Comissão dos Escritúrios. Os delegados de várias Jurisdições Episcopais desejavam sugerir nomes que as integrassem a contento de todos. Estas sugestões agradaram ao plenário e foram seguidas.

3. Metodologia adotada na IVª Conferência

Houve quem definisse a metodologia de Santo Domingo como “caótica”⁽²⁾. Não corresponde à verdade e é um qualificativo, pelo menos, inadequado. É observação de quem não participou da Conferência, de quem opina “de fora” ou através de informações imprecisas. Certamente o Pe.Jorge JIMENEZ CARVAJAL, CFM, jamais poderia ser taxado de “apressado” ou de “caótico”. Trata-se de pessoa altamente qualificada (perito sereno, eficiente e expedito) para coordenar a dinâmica de qualquer trabalho, especialmente de grandes assembléias. Sua dedicação completa foi de grande valia para o desenrolar de toda a Conferência. Se houve propostas “paralelas”, grupos dissidentes e avessos a tudo o que se fazia durante a IVª Conferência, parece-nos poder-se aplicar-lhes o lamento do Santo Padre, no “Discurso de Abertura”: “Não podemos minimizar o fato de que “os comportamentos de oposição sistemática à Igreja chegam, até mesmo, a constituir-se em grupos organizados”. A contestação e a discórdia, da mesma forma que causam “graves inconvenientes para a comunhão da Igreja”, são também “um obstáculo para a Evangelização”⁽³⁾. Caberia à Presidência da CNBB questionar a oportunidade, a conveniência, a legitimidade de tais grupos e a sua presença na República Dominicana durante a IVª Conferência.

No Brasil, em quase todos os Documentos de maior envergadura, a CNBB e a CRB seguem o conhecido (e quase desgastado) método VER – JULGAR – AGIR, na trilha da JOC e da “*Gáudium et Spes*”. Para muitos, entre nós, parece o único método válido, possível ou desejável para o nosso contexto. Tal posição é, obviamente, discutível.

O intento de Santo Domingo era exclusivamente pastoral

O intento de Santo Domingo era exclusivamente pastoral. Isto supunha a análise da realidade com os olhos da fé, da ética e moral cristãs, preterindo sistemas filosóficos fracassados, ideologias ultrapassadas, instrumentais sócio-psicológico-políticos duvidosos e inadequados.

"A opção metodológica de Santo Domingo é, pois, profundamente teológica. Não despreza as ciências, principalmente as humanas, mas põe-nas no segundo plano. Elas nos revelam os desafios. Mas os desafios só se vêem claramente à luz da fé. Assim, p.ex., não posso definir o homem apenas pela constatação sociológica ou psicológica dos seres humanos. Necessito de um modelo, que, para nós, cristãos, é Jesus Cristo. A partir dele, vemos cada homem e descobrimos sua inalienável dignidade. A metodologia de Santo Domingo se pauta, pois, pelo esquema da dialética. Inicia com a tese, que nos é proposta não pelas ciências humanas, mas pelo próprio Deus; segue pela antítese, colocando a tese no contexto que pretendemos estudar, e conclui com a síntese, no empenho de transformar essa realidade que destoa do plano de Deus e causa tantos dissabores, para levar-lhe a salvação trazida de Cristo"⁽⁴⁾.

4. O esforço do intercâmbio

Das maiores riquezas – e que não aparecem tão claramente no texto de Santo Domingo – foram o intercâmbio de experiências, o diálogo, as angústias pastorais, os questionamentos, os apelos veementes, as discussões dos participantes da IVª Conferência, durante as múltiplas sessões plenárias. A fila de "oradores inscritos" era sempre interminável e, não raro, a intervenção ficava relegada à mera comunicação escrita, entregue à Comissão de Redação. A modalidade dessa participação oral não nos pareceu a mais apropriada e foi um tanto conturbada. Apesar desse inconveniente, somente a julgar das intervenções ouvidas, foi de uma grande inter-ajuda pastoral para todos. Por vezes, era necessária verdadeira acrobacia mental para localizar-nos nos diferentes contextos, nos ambientes concretos e circunscritos a partir dos quais falavam os oradores: da altura dos Andes à problemática européia; das CEBs do nordeste brasileiro aos confins do Chile; da megalópole de México City ao Caribe e, deste, para as regiões da Patagônia...

Pairava na Assembléia um clima de preocupação pastoral de todos para com todos

O "fazer-se tudo para todos" de São Paulo tornava-se quase impossível. Apesar disso, pairava na Assembléia um clima de preocupação pastoral de todos para com todos, um clima evangélico de respeito e compreensão, um desejo de compartilhar as alegrias e tristezas, as angústias e esperanças do mundo inteiro. Foi uma experiência de Igreja incomparável. Os delegados das diversas Conferências apresentavam características próprias e bem definidas: os mexicanos e colombianos eram otimistas; os argentinos, senhores da situação; os chilenos, realistas; os brasileiros, angustiados e pessimistas... só para citar alguns exemplos.

Dessas sessões plenárias foram assumidos os temas principais para as trinta Comissões Especializadas. Os resultados dessas Comissões, enriquecidas pelas "Reuniones Reja" (entrelaçadas como "rede"), de uma ou de outra forma, aparecem no Documento final de Santo Domingo.

5. Características do Documento

Quero destacar apenas algumas:

1. **É um texto prospectivo:** não pretende ser, todo ele, de aplicação imediata e rápida. Volta-se para o futuro da Evangelização na América Latina e no Caribe, a partir das concretas situações do presente, no tocante à necessária e urgente Promoção Humana e à difícil inculturação do Evangelho nas mais diferentes culturas. Neste contexto aparecem sempre os desafios ("retos"),

os apelos, a iluminação teológica e as linhas pastorais. Certamente vai influenciar fortemente a ação pastoral da Igreja (porventura não só na América Latina), no próximo decênio.

2. **É essencialmente cristológico:** a citação da carta aos Hebreus, c.13,8: "*Cristo ontem, hoje e sempre*" não aparece como lema apenas, mas como um programa, um projeto de proporções transcendentais a ser realizado num mundo dominado pelo modernismo, pela auto-suficiência e pelo distanciamento de Deus e dos irmãos.

É um apelo ao realismo, aos valores do Evangelho para as culturas e para a "Nova Evangelização". Cristo ilumina e inspira as páginas todas do Documento de Santo Domingo. A atualidade e perenidade de Cristo como Senhor, como paradigma, ideal e explicação do mistério humano, como sustentáculo da fé e da ação pastoral da Igreja, como rosto de todos os sofredores, como esperança para abandonados e desesperançados, é apresentado, expressamente, sob a forma da solene profissão de fé (nn. 4-15) e sob a sugestiva modalidade do caminhar de Jesus com os homens do nosso tempo (cf. "*Mensagem aos Povos da América Latina e do Caribe*" nº 13-27. Notar, aliás, que essa *Mensagem* não é um apêndice: é parte integrante, discutida, emendada e votada pela Assembléia).

A iluminação cristológica do Documento de Santo Domingo tenciona responder, assim, às diversas correntes teológicas ou religiosas que tentam minimizar a novidade de Cristo e do Evangelho, em diversas partes do mundo. A Encarnação, o Evangelho, o mistério pascal de Cristo é o "sempre novo" (cf. Ef 1,10; Gl 4,4), a chegar ao cume de sua expressão de fé: "Considerai o apóstolo e Sumo Sacerdote da fé que professamos – Jesus" (Hb 3,1)!

Outras vezes o texto da IVª Conferência aprofunda e amplia os documentos anteriores

3. **Prossegue na linha das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín e Puebla:** esta continuidade se expressa de diversas maneiras. Sempre se tem diante dos olhos os dramas, as crises e os crimes apontados e denunciados por Medellín, e a necessária "comunhão e participação" de Puebla, para efetivar a promoção humana, a solidariedade e a inculturação dos postulados e valores do Evangelho, no mundo ateu da Modernidade. As grandes "motivações ou fundamentações teológicas" de Puebla não foram repetidas em Santo Domingo em temas como a Família, a Vocação, a Vida Religiosa, porque se desejava um texto mais "curto e simples". Contudo, continuam válidas e bem atuais. Outras vezes, como, p.ex., ao falar da "opção preferencial pelos pobres", o texto da IVª Conferência aprofunda e amplia os documentos anteriores. Fala-se da "única opção por Jesus Cristo" (n.303) que terá, como reflexo e desdobramento, a solidariedade com os pobres, a identificação com eles, a proximidade, a empatia com os "rostos humilhados, desiludidos, desfigurados" (nn. 178-181): "O Senhor nos pede que saibamos descobrir o seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos" (n.179). A visão dos desafios e das linhas pastorais é apresentada com mais exatidão e com mais praticidade.

4. **É um texto espontâneo e essencialmente pastoral:** Os grandes temas – Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã – já apresentavam, em si mesmos, algumas das maiores preocupações pastorais de nossas igrejas particulares, na América Latina e mesmo no mundo contemporâneo.

Com esta enorme problemática aparecem, como conexos ou interferentes, múltiplos outros problemas, quase todos, pelo

menos apontados no "Discurso de Abertura" do Santo Padre, no dia 12 de outubro à tarde. É um discurso programático, no qual são assinalados: a Nova Evangelização, a genuína Cristologia, a missão da Teologia e o ministério dos teólogos, a Catequese, as investidas da secularização, o avanço das seitas, o perigo das ideologias, a lídima formação bíblica, a religiosidade popular, a solidariedade em toda a sua amplitude, a Justiça, a precariedade da vida de milhões de irmãos e irmãs, a economia de comunhão e participação de bens, a integração latino-americana, a opção preferencial pelos pobres, a cultura da Vida em contraposição à cultura da morte, as culturas e a Cultura Cristã, a inculturação e seus princípios, os meios de comunicação social, o movimento ecológico, as CEBs, a promoção das vocações, a missão dos cristãos leigos, especialmente dos jovens e da mulher, o sentido missionário da Igreja, a Virgem Maria como inculturada nas expressões de nossa fé e da religiosidade de nossos povos...

Não perde o tom da serenidade, da paz que gera convicção

Como acima foi dito, o texto nasceu na Assembléia e da Assembléia, como resposta aos anseios pastorais dos participantes. É um documento cheio de vitalidade, de vibração e de realismo, por vezes, assustador. Por isso, reafirmo que só um "outsider" pode opinar que se trata de um Documento "elaborado com atropelo, feito às pressas... sem possibilidade de discussão e reformulação tranqüila em plenário"⁽⁵⁾. Isto não corresponde à verdade dos fatos e do processo, seguido em toda a elaboração. A meu modo de ver é flagrante injustiça para com todos os que tanto se empenharam, com honestidade e competência, na elaboração deste texto.

5. É um Documento sereno, apesar dos conflitos que nos envolvem: Não há como não contagiar-se com a serenidade e a paz que transmitem o Discurso de Abertura e a Mensagem aos Povos da América Latina e do Caribe. Trata-se daquela paz, da serenidade, da tranqüilidade, da ordem, que brotam da Pessoa e da mensagem de "Cristo, ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8). É uma paz "que o mundo não pode dar" (Jo 14,27), que atravessa todos os conflitos e desafios com a certeza da vitória: "Confiai! Eu venci o mundo!" (Jo 16,33) Não se apóia em sistemas, ideologias ou luta de classes, mas na força do próprio Evangelho, para o superamento desses conflitos e dessa amaldiçoada cultura de morte que nos tenta roubar aquela PAZ que se identifica com o próprio Cristo (cf Ef 2,14).

O Documento de Santo Domingo, apesar de defrontar-se com os problemas mais conflitantes e candentes da injustiça e da morte, não perde o tom da serenidade, da paz que gera convicção, certeza, e pode levar à conversão: "Eu encontrei um homem que me disse tudo o que eu fiz" (cf Jo 4,29). Santo Domingo também tenta dizer tudo o que está errado, apontando o erro sem medo, com a tranqüila serenidade de quem crê que "para Deus nada é impossível" (Lc 1,37).

Impulsionados por esta esperança, caminhamos, decididamente, para o final deste triste século, em busca de um AMANHÃ mais cristão!

6. Alguns acentos especiais de Santo Domingo.

Estes acentos traduzem as maiores e mais imediatas preocupações, os desafios pastorais mais prementes para a Nova Evangelização, a Promoção Humana e a Cultura Cristã na América Latina e no Caribe:

6.1 A Pastoral Urbana (nn. 252-262): preocupa-nos sumamente a "escassa presença da Igreja" nos Meios de Comunicação

Social, no mundo da arte e da ciência, entre os intelectuais. Questiona-se o modo de levar a Nova Evangelização ao povo das grandes metrópoles, às periferias e subúrbios; como estabelecer o diálogo entre ciência e fé; como reprogramar a paróquia urbana; como levar avante "a pastoral dos edifícios, conjuntos habitacionais e condomínios".

Os pastores e agentes de pastoral reconheceram, em Santo Domingo, que não há fórmulas feitas, planos delineados. Há iniciativas mais ou menos isoladas, algumas linhas pastorais a serem seguidas. Qualquer tentativa é válida, quando norteada pela fé, pela caridade pastoral e pela metodologia que levava o único BOM PASTOR à procura da ovelha desgarrada (cf Lc 15,1-7).

6.2 A ecologia, amor à casa, à terra, à natureza (nn. 169-177): este tema é relativamente novo no âmbito da Pastoral. Baseia-se na dignidade da pessoa humana e na valorização da vida. O homem, como imagem de Deus (Gn 1,26-27), é responsável pela "habitação terrestre", pela natureza inteira, pela terra, para "cultivá-la e fazê-la frutificar" (Gn 1,28-30). Isto se opõe à exploração desenfreada e inescrupulosa, à destruição e ao abuso dos bens.

Em Santo Domingo ouvimos, com emoção e entusiasmo, um índio das montanhas da Bolívia, a falar-nos dos encantos da natureza como dádiva do Altíssimo, da "sacralidade" da mãe-terra, que se vingava dos crimes cometidos contra ela...

O nosso mundo, a atmosfera em que vivemos está doente e pútrida. Os frutos da morte parecem ter sobrepujado o empenho em prol da vida.

Ligado ao problema da ecologia está o problema da terra, da moradia digna, da destinação universal dos bens.

Tudo isso pertence ao esforço de inculturar o Evangelho: "A Igreja faz sua a preocupação pelo meio ambiente e convida os governos a protegerem este patrimônio comum, segundo os critérios do bem comum"⁽⁶⁾.

Em Santo Domingo, foi frisada fortemente a cultura da Vida

6.3 A defesa e promoção da Vida: Em Santo Domingo, foi frisada fortemente a cultura da Vida em oposição às múltiplas manifestações da anti-cultura da morte. A única força capaz de se opor a essa avalanche de morte é o Evangelho de Cristo. Ele próprio, Cristo, é a VIDA que veio ao mundo para que a tenhamos em abundância (Jo 14,6 e 10,10). Haveremos de defender e de promover a vida "com decisão e valentia" (João Paulo II, *Discurso de Abertura*, n.18).

6.4 América Latina "missionária": chegou a hora de "levantar os olhos e contemplar as searas maduras" (cf Jo 4,35). Chegou a hora de deixarmos de confinar o nosso ardor missionário aos horizontes, embora amplos, da América Latina e do Caribe. Recebemos as riquezas do Evangelho há 500 anos. É hora de sermos agradecidos e "dar de nossa pobreza" aos povos e lugares que, ainda mais do que nós, carecem de operários. A celebração do 5º centenário da Evangelização em nosso Continente nos impulsiona além de nossas fronteiras americanas, "ad gentes": à Ásia, África, Austrália, e mesmo a determinados países e ambientes da Europa.

6.5 Em busca dos que se afastaram...: por muitas razões, por motivos vários, muitos de nossos irmãos e irmãs desandaram de nossas fileiras ou se tornaram completamente indiferentes. Alguns foram aliciados pelas seitas; outros, pelo embate hostil da Modernidade e do materialismo. O "renovado ardor missionário" vai levar-nos a buscar os filhos que abandonaram a casa paterna, as ovelhas que se desgarraram do rebanho, os discípulos desa-

animados que fugiram de Jerusalém em busca de uma aldeia para a desilusão e o desânimo... "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre", através de seus re-presentantes fará estrada com todos eles, entrará em suas casas e choupanas, explicar-lhes-á as Escrituras, celebrará a Eucaristia. Espontaneamente, o "seu coração arderá" e voltarão à Comunidade (cf Lc 24,13-35⁽⁷⁾).

NOTAS

(1) - O caminho percorrido até o Documento de Trabalho foi longo e árduo: a) houve dois Documentos bem gerais de consulta que foram pouco conhecidos, mal recebidos e bem criticados; b) depois veio o Instrumento Preparatório: "Elementos para uma reflexão pastoral em preparação à IVª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano"; c) o Papa indicou os temas a serem abordados em Santo Domingo. A partir dessa indicação elaborou-se novo "Documento de Consulta: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã"; d) surge, enfim, o "Documento de Trabalho: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã", que tenta sintetizar os trabalhos anteriores e as diversas "relaciones". A redação e o esquema são completamente novos.

(2) TABORDA, F. "A Vida Religiosa no Documento de Santo Domingo", em "A Vida Religiosa na perspectiva de Santo Domingo", Cadernos da CRB, n.16, Ed. LOYOLA, SP, 1993, p.16

(3) Discurso de Abertura do Papa João Paulo II, em "Santo Domingo - Conclusões", Ed. LOYOLA, SP, 1993, n.10, pp.18-19

(4) GRINGS, D., "A Conferência de Santo Domingo", em "Teocomunicação", vol.23, n.99, março de 1993, p.16

(5) TABORDA, F., loc. cit., pp.16-17

(6) Discurso de Abertura do Papa João Paulo II, loc. cit., n.23, p.30

(7) cf Mensagem da IVª Conferência aos Povos da América Latina e Caribe, em "Santo Domingo - Conclusões", Ed. LOYOLA, SP, 1993, nn.13-27, pp. 50-53

Endereço do autor:

rua Esteves Júnior, 447, Centro
88015-530 FLORIANOPOLIS, SC

A PNEUMATOLOGIA DE SANTO DOMINGO

Pe. Orlando Brandes
Professor de Pneumatologia

Introdução

Não podemos querer que o Documento de Santo Domingo seja um tratado de teologia. Sua finalidade é outra. Mas, em relação à pneumatologia, faz-se necessária a investigação teológica ao menos por dois motivos. Primeiro, porque a temática central trata da *evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Estes temas são essencialmente ligados à teologia do Espírito Santo. Em segundo lugar, porque documentos do Magistério, anteriores a Santo Domingo, produziram um acerco considerável de reflexões em relação ao nosso tema, ou seja, sobre a pneumatologia, a evangelização e a inculturação. São documentos afins ao nosso estudo, ou melhor, afins à temática central de Santo Domingo.

Lendo o belo e inspirado livro "Santo Domingo, Uma leitura pastoral", Ed. Paulinas, SP, 1993, percebi que nenhuma atenção foi dada à pneumatologia. Pelo fato de estar agora lecionando esta matéria no ITESC, fui buscar, com certa ansiedade, inspiração e ajuda no próprio Documento. A partir desta experiência, motivei-me a escrever o presente artigo.

1. Santo Domingo se auto-denomina como um Pentecostes

Pentecostes não acontece uma única vez. Como diz João Paulo II: "Pentecostes é o início de um processo duradouro" (*Osservatore Romano*, 3.12.1989). No livro dos Atos dos Apóstolos constatamos a repetição do fenômeno do Pentecostes. Assim temos, além do acontecimento no Cenáculo de Jerusalém (At 2), o Pentecostes na comunidade, após a libertação de Pedro e João (At 4,23-31), o Pentecostes na Samaria (At 8,5-25), o Pentecostes em Cesaréia, na casa do pagão Cornélio (At 10), o Pentecostes em Éfeso (At 19) etc. Para o nosso estudo, chama a atenção o Pentecostes dos gentios ou pagãos, na casa de Cornélio, que João Paulo II costuma denominar "o Pentecostes de todas as nações", que depois se multiplica "sob todos os céus" (*Osservatore Romano*, 24.12.1989).

Nossos Bispos, reunidos em Santo Domingo, crêem que ali também foi Pentecostes: "Impulsionados pelo Espírito, reunidos como num novo Cenáculo e animados pelo mesmo Espírito, dispomo-nos a impulsionar, com novo ardor, uma Nova Evangelização" (SD n.1). Mais clara ainda é a afirmação que encontramos no n.301, quase no final do Documento: "Colocamo-nos sob a ação do Espírito que desde Pentecostes conduz a Igreja no amor. Ele nos concedeu a graça do Vaticano II e das Conferências Gerais do Rio, de Medellín e de Puebla".

Reunidos em Santo Domingo, crêem que ali também foi Pentecostes

Como em Pentecostes, nossos Bispos, com a força do Espírito Santo, afirmam que a Nova Evangelização tem seu ponto de partida exatamente do Espírito que a conduz pelo processo contínuo de conversão, pela diversidade dos carismas e pela multiplicidade dos ministérios (cf SD n.23).

2. Santo Domingo confessa um velho "pecado anti-pneumático"

Eis a confissão de um antigo pecado: "Pregamos pouco acerca do Espírito Santo" (n.40). Pena que o Documento não se perguntou por que acontece tal anomalia ou até tal patologia no catolicismo. Heribert MÜHLEN, no seu livro "Fé cristã renovada" (Ed. LOYOLA, SP, 1980), afirma que tal "ateísmo pneumático" se deve à helenização do cristianismo, quando transformamos Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, num "Ser Absoluto", e nos afastamos do contacto com a Palavra de Deus. Para o maior pneumatólogo de nossos dias, Pe. Yves CONGAR, o problema está no "Cristomonismo" ou no "jesuísmo", isto é, vivemos como se o Espírito não existisse e como se a Páscoa fosse o último acontecimento salvífico. Se os protestantes têm